

“... ESTOU AGORA NO MUNDO DOS VIVOS”

Elaborando a experiência de migrar

Laura Satoe Ueno *

Este trabalho tem por objetivo relatar o processo de intervenção psicossocial com uma brasileira de origem indígena, realizado num Serviço Público de Saúde Mental, onde o filho desta fora inicialmente apresentado como portador da demanda. Analisando as questões familiares psicodinâmicas surgidas, estas revelaram estar relacionadas a experiências migratórias desta mãe e a fenômenos transgeracionais. O espaço terapêutico foi utilizado na elaboração gradual dos conflitos no papel materno, identitários e culturais.

Berry (1992), autor da Psicologia Intercultural, tem observado a relevância dos efeitos específicos da migração sobre a dinâmica familiar e do indivíduo, das relações interétnicas numa sociedade, da transição e adaptação à nova cultura e dos fenômenos intergeracionais decorrentes. Pedersen & Marsella (1986) propõem novos paradigmas para uma maior efetividade do processo psicoterápico com migrantes, como a flexibilidade pessoal e metodológica do terapeuta, mudando os quadros de referência para inclusão de questões culturais e étnicas.

Através da técnica psicoterápica baseada numa proposta de intervenção psicossocial, os valores culturais e situações contextuais vividas nas mudanças da família de origem desta paciente entre Brasil e Paraguai tornaram-se parte do diálogo terapêutico e ela pôde se conscientizar da interseção de suas experiências pessoais com questões sócio-culturais mais amplas presentes em sua história de vida.

Rupturas ocorridas diante de violentas e sucessivas perdas de identidade étnica, língua e referenciais básicos desde os primórdios da infância puderam ganhar um sentido, despatologizando-se os sintomas.

MIGRAÇÃO, PSICOTERAPIA E FATORES SOCIOCULTURAIS

Vivemos, atualmente, uma época de intensos deslocamentos: físicos, culturais e sociais. Torna-se inevitável pensar nas decorrências psicológicas deste processo e em formas de intervenção que contemplem as demandas relacionadas a esta realidade, através de um olhar transdisciplinar.

Segundo Berry (1992), assim como existem fatores culturais envolvidos no desenvolvimento e na manifestação das psicopatologias, também há fatores culturais envolvidos no processo de psicoterapia, como tentativa de aliviar tais problemas. Valores e práticas culturais de uma sociedade entram no processo terapêutico, formando parte das definições e compreensões do terapeuta e do cliente sobre tais problemas. Assim, dentro das diversas psicoterapias, aquelas baseadas na teoria e método ocidental, como a psicanálise, popular em nossa sociedade, mas não absoluta e universal culturalmente, correm o risco de sérios equívocos de interpretação e comunicação, quando utilizadas no atendimento de pessoas de outras culturas.

O processo de mudança resultante do contato contínuo entre duas culturas diferentes, vivido pelo migrante dentro de uma sociedade gera, segundo este mesmo autor, níveis variáveis de estresse e adaptação. Para compreendê-lo, é preciso considerar uma série complexa de variáveis psicológicas (da dinâmica psíquica interna do indivíduo), culturais, sociais e situacionais. Ou seja, se por um lado, é importante analisar o quanto o indivíduo conta com recursos internos para enfrentar a situação vivida, é preciso também entender como

estes dispositivos se inter-relacionam com outros fatores como: mudanças ocorridas no sistema familiar, em seu status social, possibilidades de contar com um suporte comunitário, natureza da sociedade em que se encontra (se há contextos de exclusão, preconceito ou tolerância, políticas mais assimilacionistas ou multiculturais), estratégias adotadas quanto aos graus variados de manutenção da própria cultura de origem ou adoção de aspectos e relacionamentos com a nova cultura e a fase vivenciada dentro de todo o processo.

Faz-se necessário, portanto, uma flexibilidade de método e uma mudança nos quadros de referência para incluir diferenças culturais e étnicas, o que leva a um desafio e enriquecimento do terapeuta, que necessita olhar para sua experiência familiar e cultural e para seus próprios conceitos, adotando intervenções muitas vezes mais diretas, ativas e focadas. Estas servirão de orientação para o restabelecimento de um equilíbrio nos momentos de angústia suscitados pela experiência migratória do paciente.

A HISTÓRIA DE CARMEM

Apresento aqui pontos principais do processo psicoterápico de Carmem (nome fictício), de 41 anos: Carmem chega até o Serviço Público de Saúde Mental para falar sobre o filho mais velho E., pré-adolescente de 14 anos que fora encaminhado pela escola pública em que estuda para psicodiagnóstico. Conta que o filho adora achar-se parecido com o pai, ela mesma acha que são muito parecidos, enquanto que o segundo filho, de sete anos parece-se mais com ela (o curioso é que se percebe o quanto E. se parece muito mais com ela, que é morena, de estatura baixa, franzina, tem uma face indígena, ao contrário do pai que é branco e alto). Queixa-se das dificuldades de concentração e hiperatividade de E. em casa e na escola e das constantes brigas entre ela e o marido, o que torna o convívio em casa muito difícil. Durante a conversa, mostra-se de modo geral indiferente e alheia à problemática que se coloca ali, passando uma impressão de uma mãe pouco interessada, entediada por estar ali, quase ausente. Numa segunda entrevista, pergunto mais sobre Carmem e mostro-me curiosa sobre sua própria infância e sentimentos vividos na relação conjugal. Então ela revela uma realidade marcada pela posse da casa e dos filhos pelo marido, figura autoritária com quem repete a relação que teve com as figuras parentais. Mostra dificuldade de aproximação com este primeiro filho, uma sensação de que está ali para atrapalhá-los, pois o marido é aquele que para ela, sabe melhor das coisas, cozinha melhor e entende mais daquilo que é melhor para os filhos. Conta ter nascido na fronteira do estado do Paraná com o Paraguai, tendo uma infância difícil e marcada por

mudanças da família por causa do trabalho do seu pai. Na fase vivida no Paraguai, a mãe, neta de índia com branco, quis manter relações sociais somente com alguns brasileiros que viviam ali, enquanto que ela, Carmem, convivia com crianças do local e passou rapidamente a falar uma mistura de tupi-guarani com espanhol, língua falada na região. Foi proibida de falar daquela maneira e desprezada pela mãe, que odiava ter de estar lá e odiava sua origem indígena. Carmem não sabe me dizer com clareza sobre tais fatos, tem lembranças vagas, sem precisão. Sabe que a bisavó era índia, a mãe lhe contou que fora arrancada literalmente da tribo e forçada fisicamente a sair de lá, para se casar com um branco. Do mesmo modo, a mãe casou-se com seu pai a contragosto, devido a um trato feito entre parentes. A mãe é descrita como uma pessoa que era perturbada, nervosa, amargurada, que suportou a violência física do marido (pai de Carmem) até a morte deste por uma doença. A mãe reproduzia os maus-tratos nos filhos maiores, que por sua vez batiam nos menores. Carmem tinha 10 anos quando seu pai faleceu, e o ambiente familiar tornou-se mais ameno.

Ao mostrar-me sensível a esta história dolorosa contada por ela neste segundo encontro, e que até então não havia compartilhado com ninguém, Carmem passa a contar mais e mais em algumas sessões, sobre a Síndrome do Pânico que a acomete há alguns anos, e que agora está um pouco mais controlada. Relata o estranhamento que vive quando está em público, a tremedeira na hora de escrever, o mal-estar súbito na sala de aula quando há alguns anos voltou a estudar (fez supletivo e em seguida um curso técnico-profissionalizante), os sonhos que se confundem com a realidade, deixando-a zozna, o sentimento de estar em contato com espíritos, como o da mãe que já faleceu há alguns anos. Revela sentir-se muito diferente, não se sentindo uma brasileira. Mais ainda, diz sentir-se marginalizada: "Sinto-me de fora em todos os lugares, eu nunca que vou deixar de me sentir uma estrangeira..." Traça um paralelo entre sua experiência e a minha, terapeuta descendente de imigrantes japoneses: "Você também, se você fosse para o Japão, não vai ser uma japonesa, vai sentir-se uma brasileira, não é..." Digo que concordo com ela, e que no Brasil também não sou totalmente uma brasileira, mas que pode ser válido sermos um pouco de cada coisa, que não temos que ser iguais, e suas características indígenas presentes principalmente nas roupas, pode ser algo rico e bonito, assim como a língua que não esqueceu, um tesouro que outros não possuem. Após algumas sessões, encaminho Carmem para o Grupo de terapia constituído por mulheres, cujo ambiente afetivo pareceu-me um bom lugar de acolhimento. Lá poderia compartilhar seus medos e perturbações, dissolvendo alguns estigmas que carrega. Apesar de participar das sessões grupais, sem que as

fantasias persecutórias a invadissem mais seriamente, como ocorrera em outros contextos, Carmem não se sente muito à vontade para compartilhar questões mais pessoais no grupo. Pede que volte, paralelamente, a ter sessões individuais, algo que eu já tinha proposto caso precisasse, pois está em crise.

Quando nesse outro momento, ofereço um horário para que venha semanalmente, várias lembranças singulares e momentos vívidos por Carmem até a adolescência, vão sendo recordados com muita angústia durante a psicoterapia, mais e mais a cada semana, durante alguns meses. Carmem conta-me dos fatos ocorridos como se a dor estivesse ainda repercutindo dentro de si. Assim que chega na sala e senta-se, começa a relatar os acontecimentos como numa narrativa. Não olha para mim, voltando o olhar para baixo, chora como se não tivesse havido anteriormente um momento para a elaboração de experiências tão sofridas.

Na sequência, narro alguns episódios marcantes de sua vida:

Casa?

Durante sua infância e adolescência no Paraguai, recorda-se que “fugia” do ambiente de violência familiar, passando vários dias nas casas de famílias vizinhas que a convidavam, enquanto que os irmãos permaneciam em casa com a mãe e estavam mais expostos às agressões. Os pais não se importavam com sua ausência, ela voltava quando queria para casa. Era bem tratada nessas famílias, mas ao mesmo tempo não fazia parte delas, estava em vários lares parciais e temporários. Recorda-se que brincava com os filhos desses vizinhos, era alimentada melhor que na sua própria casa, onde havia escassez de tudo. Mas no Natal, os presentes que recebia junto com as outras crianças eram inferiores, ganhava vestidos e brinquedos de pior qualidade, que a diferenciavam. Não há lembranças de um lar, mas o contato com pessoas diferentes talvez a tenha protegido do aprisionamento que os pais viviam naquele lugar, isolamento este em que incluíram os filhos.

A criança morta e a morte do pai

Lembra-se da agressão física sofrida pela mãe quando grávida, que resultou num aborto. Sentia ódio dos irmãos mais velhos que não defendiam a mãe, ela com sete anos não sabia como fazer algo para detê-lo. Criança curiosa, viu com os irmãos o feto já formado de aparência terrível, colocado dentro de uma caixa. Quando adulta, Carmem casa-se com o marido atual, vivencia as próprias gestações com muito temor, passa por um aborto, sendo que o primeiro filho, do qual não consegue aproximar-se materno, nasceu com risco de morte e ficou hospitalizado por

algumas semanas, gerando muita angústia. Parece difícil ainda poder fazer uma reparação nesta relação com E.: ora se culpa radicalmente pelo problema dele, ora se exclui da responsabilidade de ajudá-lo, projetando a hostilidade nele, em relação a ela, tornando difícil mudar a relação estabelecida no início, no nascimento, quando passou por uma depressão pós-parto, e delegou o cuidado do bebê ao marido. Com o segundo filho, desenvolveu uma relação maternal de cuidado. As agressões verbais entre os membros da família, em casa, vão se tornando menos frequentes no decorrer da terapia, a culpa pela morte do pai é melhor elaborada, quando percebe que foi inevitável ter sentido ódio e desejado sua morte, quando ele agredia a mãe.

A escola, o hino paraguaio e o poema em tupi-guarani

Por ocasião de uma mudança que a família fizera para o Paraguai, a mãe não queria que frequentasse a escola. Não sabe o motivo, mas lembra que apenas ela e o irmão insistiram em estudar. Uma vez na escola, sente-se “de fora” na classe, passa mal quando a professora não a entende e grita com ela, deixando-a de castigo no canto da sala, sem saber o porquê. Com o tempo, porém, recorda-se que falava como as outras crianças do local, brincava com elas, usava saias rodadas e coloridas que as outras meninas paraguaias usavam. A mãe não aprova, mas não proíbe que passe o dia com elas, e também não evita que, sem sentido nenhum, as irmãs mais velhas a derrubem de vez em quando, façam brincadeiras maníacas e hostis, ao mesmo tempo. Mais tarde, a família volta ao Paraná, e Carmem frequenta a escola brasileira. Um fato marcante do qual guarda muito ódio, é que era época de ditadura nacionalista, sendo obrigatório cantar o Hino Nacional brasileiro todos os dias. Chamada a cantar na frente de todos, Carmem canta o hino paraguaio, único que sabia. É chamada de “falsificada” e “traidora”, o que lhe gera um sentimento aterrorizante. Num dado momento do processo, Carmem lembrara-se durante a semana, sobre a ocasião vivida no Paraguai, em que escrevera na escola, assim como os outros colegas, um poema em tupi-guarani para que fosse entregue no Dia das Mães à sua mãe, que não aceita o poema. Carmem não sabia como escrevê-lo em português. Recorda-se, porém, nos dias de hoje de muitas palavras em tupi e espanhol. Lembra do hino paraguaio que cantava na escola, o que a surpreende, escreve-o num papel e traz para que eu leia. Sugiro que ela volte a estudar estas línguas, de que gosta muito e que têm significados importantes nas suas memórias infantis. Carmem alimenta o sonho de frequentar um curso de tupi-guarani, pois acredita que recordaria da língua que falava e poderia aprendê-la de novo facilmente.

As mãos de Carmem e as de sua mãe como mãos diferentes

Nos pesadelos de perseguição e premonições de morte, quando machuca a mão para se defender, fala sempre uma mistura de espanhol e tupi-guarani. Sensações corporais delirantes a acompanham, passa a sentir a mão aumentada e debilitada, confundindo-a com a de sua mãe, que tinha uma das mãos maior e arqueada. Durante o período de recordação dos fatos, tem crises ambíguas de choro e risos, e de raiva. Numa ocasião, perde a consciência, destrói objetos sob a mesa em sua casa, diante dos filhos, cortando a mão que fica adormecida. O médico que a atende chega à conclusão de que não voltará a ter os movimentos perfeitos da mão, mas por acaso isto não acontece. Recupera todos estes, algo que a ilumina. Recordar-se então de algumas lembranças boas da infância, como os animais de estimação que tinha no Paraguai. Clareiam-se aquelas impressões de confusão entre sua mão e a da mãe, contemplando a distância agora percebida entre sonho e realidade, sentindo-se com isso aliviada.

O trabalho assistencial na Pastoral da Criança

Há alguns anos, Carmem trabalha como voluntária nos projetos da Pastoral da Criança, podendo ajudar mulheres que, como a própria mãe, que não pôde ser ajudada na época, estão muito desamparadas, necessitando de orientação e recursos da comunidade. Sente-se assim, útil e necessária. Nos finais de semana, trabalha como cozinheira numa chácara. No início, passa por crises de pânico na cozinha, quando se angustia para que a patroa não perceba nada das suas falhas, do mal-estar que a invade às vezes, dos objetos que derruba ao manusear. Com o tempo, passa a ficar mais tranqüila, mais à vontade com a patroa. Carmem, sente-se valorizada e surpreendida com o retorno positivo no trabalho, que não foi negativo como costuma imaginar. Pela primeira vez, acredita num elogio, que antes recebia como se estivessem "tirando sarro" dela. Ao longo do processo psicoterápico, Carmem consegue aos poucos rir de situações que geralmente eram vividas como trágicas, mas que se tornam cômicas: olha para as brigas dos patrões ricos sem se angustiar, conclui que os "barracos" e conflitos não se restringem à sua própria família, mas que todos têm problemas, inclusive pessoas "finas" como a patroa, saindo assim, positivamente, de uma idealização.

O sonho integrador

Num sonho bastante intenso, recentemente relatado, Carmem pede socorro porque sua alma está separada do

próprio corpo. Vagueia pelo Hospital e pelas ruas da cidade, chegando até o ambulatório de Saúde Mental, porém ninguém consegue ouvi-la. Resolve então trazer o próprio corpo, que está em sua casa, até mim, sua terapeuta, para que possa vê-lo e ajudá-la. No momento em que vejo o corpo na sala de espera do ambulatório, Carmem acorda muito perturbada pelo sonho. Pela primeira vez, conta ter percebido que estava falando português no sonho. "Acho que estou me tornando brasileira de novo...", comenta. "Depois deste sonho, já não tenho tanto medo dos espíritos e não tenho sonhado mais tanto sonho ruim. Abandonei o mundo dos mortos e estou agora no mundo dos vivos".

FAMÍLIA, CULTURA E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

Em Grinberg & Grinberg (1984), podemos entender as relações entre mudanças de meio como experiências potencialmente traumáticas em momentos vitais como a infância, as reações emocionais do migrante e a qualidade do vínculo que se pode estabelecer com o grupo receptor como importantes elementos na incidência de crises psicopatológicas. Para Winnicott (1975), o legado cultural seria uma extensão do espaço potencial entre indivíduo e seu ambiente. Com a migração, seria necessário ao migrante o uso de um espaço temporário de transição entre o conhecido e o novo, para que seja assegurada uma relação de continuidade entre *self* e ambiente e para que possa lidar com o estresse e a desorganização resultantes do processo de ruptura. Carmem não pôde contar durante as transições, com a proteção do grupo familiar, que costuma ter a função de uma envoltura que protege, pois este grupo não conseguia manter-se com um mínimo de estruturação necessária. A qualidade deficiente da comunicação dentro de sua família contribuiu mais ainda para que não pudesse construir um sentido para as mudanças bruscas de ambiente, escola, língua: não eram dadas explicações, nem mesmo para a perda do irmão que a mãe esperava e cujo cadáver fora visto pelas crianças. No ambiente da classe escolar, que podemos considerar uma versão microscópica da estrutura de poder sócio-econômico mais ampla, também não encontra este espaço de compreensão. Agravado pela época política de regime ditatorial, o ambiente que a recebe não suporta e não inclui o diferente e a diversidade cultural, mas a hostiliza. A professora atua como representante da cultura dominante, impondo uma descontinuidade comunicativa, cognitiva e afetiva.

Com a mudança, a mãe de Carmem dirige seu ódio em relação ao novo ambiente e à língua estrangeira falada pelos outros, para a filha, que como criança rapidamente integrou-se àquele meio e idioma. Carmem assume tal culpa, em

relação ao estado de infelicidade contínua da mãe, invertendo os papéis: conta-me que acreditava possuir poderes pessoais onipotentes de proteger a mãe dos perigos externos. Acompanhava a mãe em todos os lugares para que nada acontecesse a ela, o que não era percebido pela mãe, que rejeitava sua companhia.

REPERCUSSÕES TRANSGERACIONAIS

As crises e ansiedades de Carmem que incluem momentos psicóticos delirantes são perturbadores, desconcertantes para ela no dia-a-dia, que teme se tornar igual à mãe, que era uma mulher muito perturbada. Estas têm sido menos incidentes, e retornam às vezes, deixando-a angustiada. E., o filho mais velho, é o motivo da queixa psicológica que traz a família ao serviço de saúde mental. Acaba sendo o depositário das ansiedades, ambições, sonhos e conflitos parentais. Paralelamente, foi encaminhado à psicoterapia individual. Sofre pela rejeição da mãe e pela imaturidade dos pais, em conflitos constantes. A repressão e rigidez maciças dos pais na educação dos filhos, pelo temor delirante de que lhes ocorra algo de ruim, têm dificultado o processo de individuação de E. e a transição mais tranqüila deste em direção à vida adulta. Porém, E. é um adolescente inteligente, com boa percepção da dinâmica familiar em que vive e com recursos emocionais importantes.

Embora queixando-se do marido e dos filhos, Carmem permanecia nesta situação, enxergando-os como um grupo rival unido contra ela e sem perceber claramente seu papel dentro das relações conflituosas que se estabeleciam com o marido e o filho mais velho, em quem projeta seu lado ruim. Numa posição mais esquizo-paranóide, fazia uma divisão entre objeto bom e mal, elegendo o filho menor como aquele que predominantemente é o filho bom, quando não está influenciado pelo irmão e pelo pai. A partir de uma melhor elaboração da história familiar, Carmem pôde aproximar-se um pouco mais do filho sem sentir repulsa, diferenciando melhor as experiências.

A história, porém, tem início algumas gerações atrás, com a bisavó de Carmem que fora arrancada de seu próprio povo indígena e levada a se casar forçadamente com um homem branco. Atravessa fronteiras geracionais e temporais, o que mostra a complexidade da dinâmica decorrente do processo de desenraizamento.

MIGRAÇÃO, RUPTURA E DESESTRUTURAÇÃO MENTAL

O trabalho de Aparecida Maria de Moraes, (1995) "Desenraizamento cultural e desestruturação mental – O caso amazônico" forneceu muitos dados para pensar a respeito

do caso. A partir da psicanálise e da abordagem winnicottiana, esta autora entrevistou migrantes de área rural indígena da periferia de Manaus-AM, a maioria dos quais inseridos entre as classes baixas da cidade, tecendo uma relação entre o ambiente social e o indivíduo, desde os estágios iniciais até a fase adulta. Discute a forçada mudança de cultura sofrida com a migração, com a perda da língua e identidade e problemas enfrentados como estigma, violência racista e ideologia da vergonha e as conseqüências negativas no desenvolvimento de um pensar e viver criativos. Na região amazônica, assim como em outras como aquela de origem da família de Carmem, os povos indígenas vem sofrendo violentamente e bruscamente desde o estabelecimento das primeiras missões na época de colonização, uma supressão da religião, língua e padrões culturais por outros europeus, em nome do desenvolvimento, algo que tem debilitado a saúde física e mental de seus descendentes. Com a necessidade de submissão às exigências do ambiente, passam, quando conseguem assumir a identidade, a fazer isso com um sentimento de menosprezo quanto à própria etnia (*false self*).

Enquanto a mãe de Carmem tinha uma relação de aversão aos índios, Carmem desde cedo pôde buscar um contato com esta origem negada na família, através da língua e algumas brincadeiras infantis, quando teve a oportunidade de viver num ambiente onde se falava tupi-guarani. Arrancada mais tarde dessa língua, que passou a ser sua língua afetiva, é agredida em sua própria identidade e organização emocional internas. Não teve a possibilidade de escolha diante das mudanças vividas no trânsito entre Paraguai e Brasil, trazendo uma vivência e também uma sensação atual de estar na marginalidade, no sentido de não pertencer a nenhuma cultura. Sendo o requisito indispensável para manter um senso de identidade, o sentimento de pertencimento mais precoce que se desenvolve nas fases iniciais do desenvolvimento não pôde ser tranqüilamente estruturado dentro da relação materna e a isto seguiu-se um contexto de violentas rupturas emocionais e culturais (Grinberg & Grinberg, 1984).

Carmem passou a viver, como descreve Moraes, uma pseudo-adaptação para a sobrevivência, uma relação falseada com o novo grupo, com a perda precoce do seu universo semântico, o que faz com que sua existência seja caracterizada hoje por uma desorganização interna e uma tentativa de lidar com esta desorganização e com os sintomas que a invadem freqüentemente. Parte do "eu" manteve-se fixada em situações passadas, com identificações atuantes em seus relacionamentos mais próximos, quase sempre conflituosos.

Carmem relata conquistas pessoais em sua vida, que não são vividas como tal, sua vivência parece ser fortemente

marcada ainda pelo desprazer, pela amargura, pela solidão e desgosto. Mas se por um lado há este sentimento de que “nada importa e de que atrapalha os outros, não havendo nada de bom em sua vida”, há lampejos de crescimento e percepção de confiança, como numa das sessões em que está tranqüila, encara-me nos olhos e diz que “está melhor pois pode me olhar nos olhos e olhar pro mundo”.

ESPAÇOS TERAPÊUTICOS PROPICIANDO UMA INTEGRAÇÃO

Uma vez na terapia, Carmem mantém-se desconfiada no início e paranóica quanto ao que eu irei julgar sobre seu papel de mãe de E., tem fantasias de que irei acreditar só naquilo que o seu marido me disser, acusando-a. Foi fundamental durante uma fase do processo terapêutico, que durou alguns meses, que Carmem pudesse entrar num período de maior regressão emocional, em que passou a entrar mais em contato com as próprias memórias de vida, extremamente fortes. Os pesadelos e delírios, que se encontravam pouco discernidos para ela, tornaram-se, neste período, mais frequentes e, as relações interpessoais, mais difíceis. Um outro fator fundamental para o desenvolvimento da confiabilidade que Carmem pôde depositar na relação terapêutica foi uma compreensão minha quanto à profundidade das experiências de angústia dela, diante de violentas e sucessivas perdas relatadas de identidade, língua e referenciais básicos desde os primórdios de sua infância, empatia esta facilitada pela própria experiência de estranhamento cultural que eu, enquanto sua terapeuta, vivenciei em minha própria história pessoal. Quando ofereço um espaço particular só dela, pode sentir-se olhada, considerada e acreditada, algo que durante seu desenvolvimento não foi possível. Pôde começar a contar sua história que forma então uma unidade com um sentido que ameniza as desconstruções progressivas que ocorreram.

Para tanto, Carmem contou com um espaço terapêutico em que havia continência e aceitação incondicional quanto ao estado emocional (poder expressar raiva dos familiares sem sentir-se culpada e poder revelar medos considerados “irracionais”) e aos próprios elementos culturais indígenas que não eram muito expressados.

Embora ainda não consiga olhar para as questões familiares sem sentir-se atacada, consegue afirmar-se fazendo usos criativos de suas características étnicas, por exemplo, no próprio modo de se vestir, usando adornos indígenas, bolsas bordadas e blusas artesanais com frequência, de forma estética. Assim como fazia na infância, para fugir do desprazer e da violência vividos em casa, consegue sair para participar de atividades que o marido não permite para ela e

não permite para si mesmo: o trabalho, alguns cursos e tarefas de assistência a mães e crianças carentes na Pastoral da Criança, algo reparador e reestruturante. Comunico a Carmem que ela pôde ser uma sobrevivente, alguém que através de recursos pessoais lutou para não se entregar ao mundo caótico que a ameaçava e a agredia a todo instante, e que embora tenha suas dificuldades, pôde fazer diferente daquilo que fizeram violentamente o meio, as pessoas, as figuras parentais. Diante de um sentimento intenso de desvalorização, Carmem também percebe que é diferente da mãe, trilhou caminhos melhor sucedidos, que os irmãos não puderam trilhar: vários irmãos estão perdidos pelo mundo e as irmãs que a agrediam na infância sofrem, atualmente, de distúrbios psíquicos graves, sendo avessas ao contato pessoal. Carmem pôde utilizar o espaço de continência da psicoterapia nos momentos de crise e insegurança maior, estabelecendo vínculos positivos comigo (sua terapeuta) e com algumas mulheres do grupo terapêutico.

O último sonho, em que seu pedido de ajuda é ouvido e sua alma resgatada, pode ser interpretado como um trabalho simbólico bastante rico desta migrante, em direção a uma integração psíquica. Traz a possibilidade de integração entre as várias culturas que fazem parte de sua formação, a brasileira, a paraguaia e a tupi-guarani, através do simbolismo afetivo constituído e contido na língua utilizada.

O trabalho de intervenção psicológica, portanto, enquanto proposta psicossocial de investigação das condições e das mudanças na identidade decorrentes dos deslocamentos, pode auxiliar na transformação dos conflitos pessoais em algo criativo, neste contexto atual de transições constantes do mundo globalizado.

* *Laura Satoe Ueno é Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da USP; integrante do Grupo de Pesquisa Psicologia, E-Imigração e Cultura e membro da equipe de Orientação Intercultural IP-USP.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERRY, J.; POORTINGA, Y.; SEGAL, M & DASEN, P.
(1992) *Cross-cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GRINBERG, L. & GRINBERG, R.
(1984) *Psicoanálisis de la migración y del exilio*. Madrid: Alianza Editorial S. A.
- MORAIS, A. M.
(1995) *Desenraizamento cultural e desestruturação mental – O caso amazônico*. Dissertação de Mestrado, IPUSP.
- PEDERSEN, P. & MARSELLA, A. J.
(1986). *Cross-cultural Counseling and Psychotherapy*. NY, Pergamon Press, USA.
- WINNICOTT, D. W.
(1975) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Ed. Imago.